



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI—N.º 139
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedade — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
25 de Junho de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

Uma palavra aos Portugueses d'aquem e d'alem mar

Palestra proferida na Emissora Nacional pouco antes de embarcar para o Brasil

9 DE JUNHO DE 1949

Está marcada para o dia 9 de Junho a saída do paquete «Serpa Pinto», aonde embarco com destino ao Rio de Janeiro, a convite da Colónia Portuguesa daquela cidade. Os armadores do Barco, mal souberam da notícia do formoso convite, quizeram pôr à minha disposição um camarote de I classe; e o mesmo fez a gerência de uma companhia de Navegação estrangeira. Aceitei o primeiro convite. Agradeço o primeiro convite e embarco no Serpa Pinto.

Aonde vamos nós buscar a razão de ser de tão valiosa e oportuna oferta; aonde? Está escrito: «Servir a Deus, é reinar». Não é por mais nada que os homens admiram e sentem as grandes obras sociais. Quando nelas e por elas se serve a causa de Deus, a resposta foi sempre a mesma, através da história.

Sim; vou ao Brasil, a convite da colónia portuguesa. Não há ninguém que não ligue imediatamente a esta minha viagem, a questão do dinheiro. Mesmo aqueles que me convidam, é com o sentido de me dar algum dinheiro. O dinheiro é o móvel. E' o imperativo. E' o conceito. E' o cartão de visita das relações sociais.

Mas não é por amor do dinheiro que eu ali vou. Hei-de regressar munido, bem munido de donativos, sim. Nós temos necessidade de aumentar; de construir; de obter mais quintas para receber mais pequeninos mendigos. Precisamos de dinheiro, digo, mas não é por amor d'ele, que eu faço o grande sacrifício de atravessar o mundo, numa ausência para mim quasi insuportável. Eu não deixo rapazes; deixo filhos. De resto, nós temos aqui o que necessitamos. As nossas receitas, estão na relação das nossas despesas. Mais. E' impossível que hoje nos falte ou venha a faltar amanhã, alguma coisa para o sustento e continuação da Obra da Rua. Enquanto eu e os meus sucessores derem à creança o que ela merece, e façam dela a sua aflicção número um; temos cumprido o nosso dever, — e Deus não falta. Não pode faltar à sua promessa. Isto são verdades eternas.

Aceitei o convite e vou ao Brasil, porque quero dar. Quero revelar. O Documentário da aldeia de Paço de Sousa, por ser cópia fiel da nossa vida, há-de por isso mesmo ser revelação.

Desejo mostrar aos crentes e descrentes do Brasil, quanto Deus tem realizado em terras de Portugal, pelas mãos pecadoras de um sacerdote cheio de defeitos; defeitos morais, que são os mais dolorosos e os mais deformantes. Quero revelar. Tenho fome e sede de dizer. Quero pregar Cristo ressuscitado, Cristo vivo, a viver numa obra de creanças abandonadas.

Dinheiro, se alguma vez falar nele à Colónia do Brasil, é para dizer da sua falência. Da falência e do engano das chamadas grandes fortunas. Elas são contra o Evangelho.

Ontem mesmo li nos jornais do dia, que um barco português vai buscar mil creanças de mando da Caritas, para lhes dar pão aqui em nossa casa.

Por outro lado, eu sei de milhares e milhares delas que cá vivem, que são totalmente nossas, — e morrem à míngua de pão! Sou testemunha. Falo

com elas. Tenho-lhes colocado na sua bôca inocente, a bocado de pão que as vai salvar da fome lenta e da morte certa!

Ora que é isto, senão o resultado das chamadas grandes fortunas pessoais; dos dinheiros congelados?!

O Evangelho manda distribuir e não manda amontoar.

Aqui está o que me leva a passar uns dias, e quizera que fossem breves, entre os meus irmãos
(Continuação da 2.ª página)



Patrão fora, feriado na loja!

Foi preciso que o nosso Pai Américo saísse de Portugal para podermos satisfazer a curiosidade e até a devoção dos nossos leitores que muito desejavam conhecê-lo ao menos em retrato.

Conhecem-no agora?

E que dizem as gentes?

Uns dizem que é um santo, outros um armante, outros ainda — um louco! Já assim foi no tempo do Nazareno. Não é o discípulo mais do que o Mestre.

Lucos sim, são todos os que seguem as pegadas d'Aquela que, para erguer os farrapos humanos, foi suspenso numa cruz — por Amor.

Se me perguntassem o que penso, responderia como Nicodemos: ninguém faria as obras que Tu fazes, se Deus não estivesse com ele.

Se a Obra da Rua é de Deus, ele é o Homem de Deus!

A nossa tipografia

Atrasado... 175 000\$00

Continua a crescer hora a hora a «sublime coluna» da nossa tipografia. Para que se não desorganize nem se interrompa peço licença para tomar a vara do comando. Mas sinto necessidade de joelhar e nessa atitude permanecer até que acabe o desfile dos 5.000. E' um Sacramento que passa.

Nem eu fazia ideia da beleza e sublimidade desta coluna. Foi preciso começar a abrir, uma por uma, as cartas dos que entileiram, para dar fé da «luz e da grandeza que inunda as almas». Elas vem dirigidas ao P.º Américo, e eu peço perdão da indescrição que cometo em abri-las e revelá-las ao mundo. Mas a luz não se fez para ficar debaixo do alqueire. Quem acende a sua vela para tomar parte nesta procissão, alumia os seus passos e o daqueles que ainda estão de fora.

Mais uma vez: perdão. A série abre com uma carta de Lisboa.

«Padre, cheguei a casa, cansada de sofrer. Tenho lutado, chorado, rezado. Conheço a doença, a falta de dinheiro, a maldade e a ingratidão.

A solidão horroriza-me. Vim para casa a pensar no que havia de fazer... Em cima de uma mesa estava «O Gaiato».

Foi como um amigo querido que encontrasse. As lágrimas que choro ao lê-lo fazem-me bem. As suas palavras tiradas de Jesus, dão-me forças. Obrigado, padre!

Li como é costume, «A nossa tipografia» ansiosa por ver completa a quantia que é precisa. Mando um conto para juntar aos cento e setenta. Não pense que sou rica; nem que sou generosa. Preciso de dar».

Feliz daquele que acredita no Evangelho. Nunca está só. «Se alguém é pequenino venha a Mim». «O meu jugo é suave». «Bemaventurados os que tem fome e sede justiça, serão fartos». Quem assim dá, encontra aqui a razão e a certeza da sua esperança. Mais 20\$ de Elvas, como primeira prestação; mais 20\$ 5.ª e última prestação «tirada das migalhas de uma mãe pobre». Última, não; pois «se Deus o permitir voltarei de novo a enfileirar na grande coluna». E' de Coimbra. Mais um de Lisboa a valer por dez, momentos antes do embarque e um que enfileirou aqui em Paço de Sousa. Mais 100\$ de Coimbra e outro conimbricense com a 3.ª prestação felicitando o autor dos 5.000 e o inventor das prestações que permitiu a muitos Pequenos contribuírem para a nossa tipografia. Agora peço que ajoelhem todos. E' um moribundo que passa. Morto, nunca o será. Não pode escrever mas alguém escreve o que ele dita.

«Eu continuo piorando. Não queria morrer sem pagar uma dívida — contribuir para essa Obra de Deus. Envio-lhe 20\$ para a tipografia. Desculpe ser tão pouco, não era esta a minha vontade; vivo por esmola, que, até mesmo o Gaiato leio por esmola. Vendi um objecto, e deram-me algum dinheiro por ele. Há uma grande máguia que me assiste; é estar separado daí 400 ou 500 quilómetros, e não poder vir aqui dar-me os últimos sacramentos». Senhor Francisco Carreiras, do Cabeço de Vide, quando entrar na glória do Pai Celeste, reze por nós, pecadores, e por aqueles que são ricos, mas não têm a riqueza da sua fé. Mais 20\$ da 2.ª prestação, de Gaia, e meia ração de Oeiras; 100 dum funcionário público

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)

A NOSSA TIPOGRAFIA

Continuação da 1.ª página

recentemente casado que à benção recebida junto do altar, deseja juntar a benção de contribuir com a sua cota para a nossa tipografia.

Entra agora um casal católico e muito feliz, e pede uma A. M. pela felicidade de um filhinho. E' do Porto. Mais um *tomarense* que vale por dez, em cumprimento duma promessa. Depois vem Lisboa com 100\$ outra vez de lá 50\$, mais 100, + 500 + 100. Se Lisboa não tivesse acordado tão tarde, havíamos de vê-la disputar ao Porto a camisola amarela. Perdão, isto é uma procissão e não uma corrida. Mais de Peniche, uma 2.ª prestação. Não sou capaz de escrever este nome sem tremer. Foi uma carta chegada agora. «A' hora que esta chegar às mãos de V. já não existo neste mundo pois hoje mesmo vou pôr termo à vida. Em nome de Deus peço vida para os meus três filhos que deixo na maior miséria. Creio na Comunicação dos Santos, e que por virtude dela, todos aqueles que rezam nesta coluna, e sofrem e dão esmola e se santificam hão-de ter posto travão à loucura deste pai.

Infelizmente é grande a série daqueles que atingiram tal loucura por não terem que dar aos filhos que pedem pão. Isto só condena o egoísmo dos homens que não sabem repartir. Para esses a sentença do Juízo final.

O Gaiato é um toque de clarim em todas as suas colunas para que os homens se unam cada vez mais pela Caridade. Ai se eles lessem e meditassem e cumprissem o Evangelho!.. Já Isaías, o autor do Proto-Evangelho exortava com veemência: reparte o teu pão pelo indigente; chama os pobres e os peregrinos para tua casa; cobre os esfarrapados quando os vires e não despreses o teu próximo. E o Apóstolo por sua vez:

«Ajudai-vos uns aos outros a levar o peso da vida, e assim cumprireis o preceito do Cristo—o amor!»

Mas continuemos acompanhando a coluna para não ficarmos para trás. Passam neste momento os namorados. «Pelo Gaiato vai a passar uma coluna que já mais os tempos vencerão. Se não fosse a «Aia dos Namorados» haveria dúvidas do seu futuro. Assim não. Também quero entrar com a minha noiva. Sou jacista». Pois que entre e que traga mais jacistas da sua Caranguejeira. Vamos bem acompanhados. Olhe que vai aqui—um *cônego de Algueres*!! P.º Américo com uma pontinha de malícia mandou-me pôr aqui um ponto de admiração e eu ponho dois: um por ele, outro por mim. Poria três se suspeitasse que ele chegaria a Bispo. Um sacerdote de Rezende também vai, com mais gente de Coimbra, Porto, Castelo Branco, Eírol, Gois e do Porto, e de Braga, e de Gaia, e de Covilhã, e Vila Real, e Paços de Gaiolo e Viseu, e Porto no Espelho da Moda, todos com a conta certinha. Mais uma noiva de Lisboa que manda a primeira prestação e quer chegar aos 200 na companhia do seu noivo.

Mais um do Estoril a valer por cinco para a sublime coluna; mais um e meio de Torres Novas e outro de algures para alinhar mais uma vez no grupo que sabe compreender os altos benefícios da tipografia. Pelos geitos, repete. Mais meia prestação de Uma mãe e 1.000 de «Uma família espanhola que tem a felicidade de ler «O Gaiato» em Salamanca». Todos levam o facho aceso: Pai, mãe, seis filhos e outro filho que se espera; a última vela é para alumiar «O Gaiato». Sublime coluna!

Todos tão irmãos e unidos na caridade. Não nos separa nem a língua, nem as fronteiras. Cesse tudo o que a Musa antiga cantava!

A coluna, como a de Moisés atravessa os mares de pé enxuto, mas de olhos molhados. Vai um anónimo da Ilha Terceira, a valer por cinco e dois moços irmãos de Quinjenje (Angola) que também querem engrossar a lista.

Mais 100, de Um vacilante na fé, «para que o nosso Bom Deus dê sempre muita coragem ao novo prior desta freguesia, que tanto bem tem espalhado». Quem reza assim, não pode ser vacilante mas valente.

Mais dois pequeninos de Braga, doentes, de 5 anos e sete anos, pedindo orações. Nós precisamos de pequeninas vítimas para resgatar os pecados do mundo.

Mais a 4.ª prestação que é enviada por Um assinante com muita satisfação; e uma primeira migalha para a Tipografia—*migalhas somos todos nós, —acrescenta—só Deus é tudo;* e outra primeira prestação para ajudar. Sou assinante do Famoso —diz—e é tal a satisfação que sinto ao lê-lo que o não leio, devoro-o.

Mais 50\$ do Porto, e uma libra em oiro de Montemor-o-Novo; e a primeira prestação de Gaia, e a Segunda de Porto de Mós, de uma família que muito vos ama. Mais de Lisboa, 100\$ de um casal muito feliz, pela amizade recíproca que os

une, e em acção de graças dum benefício comum. Serviu de intermediário um casal muito unido e muito amigo que deseja ver novos frutos provenientes da União e amor de outros casais. Original apostolado o destes amigos. Seria interessante experimentar o estratagemas entre casais desunidos. Quem dera que esta coluna tivesse o condão de quebrar a separação daqueles que Deus uniu!

Mais um título para ela ser sublime. Fecha hoje a procissão um escuteiro católico com a sua senha de presença: 100\$.

Nos meus cálculos as contas são estas:

Atrasado	175.000\$00
Agora	7.500\$00
	182.500\$00

Já nos perguntaram quando começa a funcionar a nossa tipografia. Quisera que fôsse já hoje.

Há três meses que chegou à Alfândega do Porto. Depois de mês e meio de espera, P.º Américo, doente na cabana da mata, escreveu-me para o Tojal: vai ao Ministério vê se arrancas a nossa tipografia da Alfândega.

Subi; encontrei um Amigo. Expuz: Sr. Doutor poupe os cabelos brancos do nosso P.º Américo!

Naquele mesmo instante, do Ministério, o nosso Amigo liga para o 5 de Cete. Eu ouvi.

«P.º Américo, tudo resolvido, aí terá depressa a nossa tipografia!» Tinha-se quebrado um atilho burocrático com uma penada decisiva.

Cheguei aqui e esperava ver já tudo a funcionar, mas não: a Tipografia permanece na Alfândega, presa por novo atilho que tinha surgido inesperadamente.

Já no portaló do «Serpa Pinto» ouço um último pedido: a tipografia! olha a tipografia! Dás-me dez anos de vida, se eu a vier encontrar no seu lugar!

Senhor Ministro das Finanças, que tão nosso Amigo tem sido,—o primeiro Ministro (que eu saiba) que nos visitou no Tojal e sorriu às crianças salvas das Ruas de Lisboa—por quem é, corte o atilho, prolongue a preciosa vida do nosso Padre Américo, e o nome de V.ª Ex.ª ficará em letras de ouro gravado nos anais desta Obra, ao lado de Duarte Pacheco e alguns outros.

P.º ADRIANO

Uma palavra aos Portugueses d'aquem e d'alem mar

Continuação da 1.ª página

do Brasil. Dizem-me que estas palavras vão ser transmitidas para lá. Aqueles que neste momento me escutam, peço que por tal me tomem e assim me recebam. Eu sou um pobre. Nem títulos nem categoria para ir além desta palavra e desta posição.

Aos ouvintes do continente; aos deste pequenino palmo, que deu o ser e o nome a outros continentes:—a todos peço que se alegrem, quando souberem da minha alegria e que chorem, quando souberem das minhas lágrimas.

Dou agora a palavra ao Zé Eduardo, o feliz gaiato que me acompanha.

Assim falou o Zé Eduardo

Eu sou o Zé Eduardo. Eu sou do Porto. Os meus pais nasceram no Porto. Eu fui o escolhido entre muitos, para ir na companhia do Pai Américo ao Brasil. Era para ser o Avelino, mas ele faz muita falta na casa de Paço de Sousa, por ser o chefe de escritório do nosso jornal. Ele não se importa de que eu vá nas vezes dele. Nós somos todos irmãos e bons amigos.

Eu era pequenino quando vim para a Casa do Gaiato. Pouco a pouco fui-me libertando da escola que trazia, pelo trabalho e obrigações que me deram. Fiz a quarta classe e o Pai Américo empregou-me no Porto, e agora estudo em Coimbra. Já mereci ir buscar à Rua o meu irmão Francisco que lá ficou e por lá andava. Hoje encontra-se salvo e é feliz. A nossa obra é tábua de salvação para todos os rapazes de boa vontade. Estas minhas palavras hão-de ser ouvidas no Brasil. Dentro de breves dias direi ali outras com a minha presença. Eu sou o mensageiro da Casa do Gaiato. Ali hei-de dizer de quanto somos amados, nós, que em pequeninos, perdidos nas ruas, eramos aborrecidos.

O que nos dão no Tojal

Continuam a dar-nos muitas coisas, graças a Deus! A generosidade é flor que vicia ainda nestes tempos em que as maravilhas do progresso são tantas vezes nubladas pelas sombras negras de quadros tristes.

Que ninguém nos leve a mal a insistência. E' a ferida que mais nos doi por ser a que mais doi aos nossos. E' a miséria. E dizem que ela é negra. Não admira portanto que ensombre quadros lindos que tantos gostariam de ver sem estas manchas.

O pobre, o infeliz, aquele que não tem para as lágrimas dos seus desgostos e aflições um sorriso que respire amizade sinoera é para a Sociedade uma mancha negra. Mas é a sociedade que tem de ir ao seu encontro. Ela é que deve cuidar destas feridas e não escondê-las para que não sejam conhecidas.

De um soldado que nos visitou recebemos 40\$00. Ele milita no nosso exército com o entusiasmo dos seus vinte anos e milita também nos exércitos da A. Católica. Ele compreende. Não é um número, como tantos, é um daqueles que acima de tudo preza a sua dignidade.

Continuamos a receber Revistas que fazem as delícias dos nossos. De tanto as verem estragarem depressa mas ao menos usufruem do prazer completo, sem os constrangimentos que tantas vezes encontramos em crianças de internatos.

Recebemos mais duas camisas e um bibe e um mapa de geografia e livros de estudo.

Um médico de Lisboa que com todo o interesse oferece os seus préstimos mandou agora mais uma porção de remédios para juntar àqueles que já tinha mandado.

Os remédios cá os temos e os préstimos logo que haja necessidade disso teremos de os utilizar.

Mais uma colmeia móvel, um enxame de abelhas e um livro de apicultura.

Foi um Senhor Doutor quem nos trouxe tudo isto. Já veio duas vezes e creio que está disposto a continuar. Andamos a ver se descobrimos entre os rapazes algum apaixonado pelas abelhas. A pesquisa, por enquanto, apresenta-se difícil.

Do grupo de Escuteiros de S. Sebastião da Pedreira 40\$00 e um banco de carpinteiro com alguma ferramenta.

Têm vindo grupos de vários colégios, e até já vieram alguns rapazes e raparigas da Universidade. Alegra-nos sempre a sua vinda. E' que ela manifesta interesse e dedicação pelos rapazes que ontem foram da Rua e hoje são nossos.

O Octávio recebeu um fato da «prima da professora» como ele diz. Ficou porém desolado ao verificar que todas as peças enviadas lhe não serviam por serem grandes em demasia. Só aproveitou um calção que logo vestiu e que, muito ufano mostrava a toda a gente.

Temos já em nosso poder o material cirúrgico. Foi o Club das Senhoras Americanas do Estoril, quem tomou a iniciativa de apetrechar a nossa enfermaria. Compramos grande parte deste material no Instituto Pasteur que nos concedeu preços especiais tendo juntado à encomenda uma valiosa oferta sua, e o restante foi-nos oferecido pela Sanotécnica. A sala que vai servir para enfermaria está também quase pronta o que quer dizer que dentro em pouco teremos os nossos doentes devidamente instalados, e socorridos com a prata da casa. Uma palavrinha de gratidão, aos bons Samaritanos.

Mais roupas da Nazaré e de Fanhões.

Por intermédio do Sporting 20 escudos que fazem lembrar as *equípas* que já chegaram e já foram estreadas. Os rapazes deliravam. Foi oferta do Porto aos gaiatos de Lisboa. Só faltam as botas. Se Lisboa os calçasse... Foi um dia de entusiasmo barulhento, o da estreia. A bola é a doença da moda.

De um dos nossos fornecedores de Loures 500\$00.

Os visitantes continuam a vir. Creio até terem aumentado. Aos domingos os cicerones já não chegam. Recebemos deles um conto e cento e cinco escudos. Mais a nossa governante a dar... uma boa ocasião aos generosos. Ela quer talheres. Diz que é uma vergonha não os termos para algum visitante que venha tomar conosco alguma refeição. Eu não digo o que ela diz porque todos devem saber que nós somos pobres e temos de viver como tais. Se entra a riqueza nas nossas Casas teremos a sua ruína. Mas o que eu digo é que se alguém ouvir nas devidas disposições os seus clamores não se esqueça de que a nossa direcção é: Tojal — Loures.

Ora notem lá por favor: Talheres. Meia dúzia.

P. L.

Mirante de Coimbra

A esta hora está no Brasil o P.^e Américo. Há de ter muitas interpretações bonitas e lisongei-
ras; mas talvez míopes e ingratas outras. Infal-
velmente há de tê-las.

Talvez poucos sejam capazes de compreender
todo o significado humano, social e mesmo patrió-
tico da mesma.

Quem é o P.^e Américo, todos o sabem.
Ainda assim, por desconhecimento de quem foi,
do que fez e por onde passou até ser o que é,
hão-de dizê-lo ambicioso.

Um homem a quem tanto se tem dado, cente-
nas, até milhares de contos, que vai à «terra das
patacas», não será outra coisa aos olhos dos que
o não conhecem e à Obra.

Outros, românticos da história, recordando
1500, pensarão em nova mensagem da Pátria
luziada à jovem e grande pátria, filha da nossa,
por um homem que se tem imposto indis-
cutivelmente, sem distinção de credos e políticas,
porque a caridade não tem barreiras e ele é men-
sageiro da Caridade.

Recordarão muitas coisas lindas para quem
tiver compostinho o estômago e uma casa e nela
uma cama decente.

Aos que conheceram o P.^e Américo nos seus
tempos de Américo de Aguiar—rico, folgazão,
feliz—parecerá, talvez, passeio agradável a matar
saudades de tempos idos—tempos ideais para os
que não descobrem, para além de si, outros que
não pensam e não têm o que eles mesmos têm e
pensam.

Ainda que muito nos custe a todos, somos
obrigados a concordar que o Pai dos pobres vai
pedir para que os pobres não tenham que pedir.
Não é o dinheiro que o tenta; não o tentou,
quando muito tinha. Outro meio descobrisse de
conseguir seu fim e não iria a este.

Muito têm dado os amigos, primeiro em
Coimbra, depois mais abundantemente, gene-
rosamente o Porto e por último Lisboa. Mais
esperamos de todos.

Mas não chega; muito longe de chegar.
Temos muita pressa, porque, se algo se tem feito,
enorme tarefa se nos apresenta à frente.

A revolução em prol dos abandonados, dos
alunos da Rua, tem que fazer-se mais apres-
sadamente. Queremos mais quintas largas, abert-
tas, com vistas rasgadas, com muito água e plan-
tas, terras a produzir, flores a embelezar, oficinas
a fazer de farrapilhas, homens de bem.

Porque não no-las dão, temos que comprá-las.
Queremos mais casas, muitas casas de família,
campos de jogos e tudo o mais que, além de neces-
sário, é conveniente. Muita luz e asseio para eles,
a crápula.

Queremos recolher muitos vândios e ladrões,
viciosos, refilões, esfarrapados, sujos, nojentos—
acabar a nossa vergonha, esta triste herança
comum.

Sobretudo e principalmente pretendemos ser
mensageiros do Pai Celeste para Quem não há
raças e classes e nações—por todos serem filhos.
Sabemos que quem disser amar a Deus e desprezar
o próximo, é mentiroso e se engana a si próprio,
pois Deus, de tal maneira, se identifica com os
que precisam, que considera feito a Si e premeia o
que aos miseráveis fazemos em Seu nome.

Poucos sabem o enorme sacrifício da ida ao
Brasil. É uma separação da sua própria pessoa.
O coração, se não fica cá, pelo fim que o leva,
muitas vezes voará de mãos dadas com o pen-
samento a ver se tudo está no seu lugar, se tudo
corre bem, se este ou aquele mais difícil se aguenta
nas boas resoluções de que o fez confidente.

Vai martirizado ao Brasil, o P.^e Américo.
Mais martirizado por ter sido necessário ir. Tem
que pedir dinheiro, ele que despreza o dinheiro.
Leva a esperança de os nossos irmãos de lá, por
melhor apreciarem o nosso bom nome, o prestígio
crescente do nosso Portugal, o compreenderem
ainda melhor que os de cá—mais generosamente
acudiram à grande dor que lhe consome o peito e
a vida—a dor de ver crianças, na maior escola de
crime—a Rua.

Se com o sangue das veias conseguisse o seu
quer, nem um passo daria a pedir, por nada dei-
xaria os que fez seus filhos. Ainda não há muitos
dias, vi lágrimas abundantes correrem dos olhos
de quem, honradamente, há muitos anos, lá fora,
ganha o seu pão, ao recordar o contraste do con-
ceito em que é tido Portugal lá fora. Dantes, o sím-
bolo da desordem, da vergonha, hoje o do traba-
lho, da paz, da ordem, do progresso. Quem
assim sente—tantos são—não pode deixar de acu-
dir ao grande obreiro. Orgulhamo-nos sermos
sinal de contradição. É bom sinal.

Tinha lágrimas nos olhos o P.^e Américo. Mais
não vimos, porque, discretamente retirava nos
momentos de maior comoção. É um pai que

Notícias de Coimbra

1 As nossas obras cada vez vão mais adian-
tadas.

Nem os pedreiros podem aguentar os
distúrbios dos miudos: vão para cima dos andai-
mes em perigos de caírem, vão para a areia e
espalham-na toda, fazem trinta por uma linha.

2 Na manhã do dia vinte e nove de Maio,
foram alguns rapazes de Miranda e de cá
dar um passeio de bicicleta a Conímbriga.
Juntamente com eles, foi o Senhor Padre Manuel,
de automóvel.

Depois de apanharem uma chuvada, chegaram
ao destino. Aí descansaram um pouco e depois
foram cozer as batatas, o bacalhau e as cebolas
que tinham trazido de Miranda para o almoço.

Já antes de começar o almoço tudo pinava
fruta e metia-a para os bolsos e para a boca.

Feito o almoço, tudo começou a comer e só
acabaram quando o estômago não levava mais.
No fim do almoço descansaram um pouco e
depois foram ver as nascentes de Alcabideque.
Uma vez lá, tudo ria e saltava. Entretanto, apro-
xima-se a hora e regressam a casa uns por cada
lado.

Pouca gente dá passeios que satisfaçam tanto
como este que deram os gaiatos.

3 O Armando é que trata da horta e do
jardim. Anda na escola, mas, mesmo assim,
dá contas da sua obrigação.

Só às vezes é que o cão se solta e pisa os
canteiros todos. Quando não tem tempo para
regar tudo, como o jardim fica à frente da casa, o
Armando vai regando e vai acompanhando o
terço.

4 Estão a aproximar-se os exames e as pas-
sagens.

No Ensino Primário temos: na primeira
classe cinco mas como são quase todos miudos,
só deve passar um; na segunda três, e contamos
que passem todos; na terceira dois, mas só vai
um a exame; e na quarta um, mas, naturalmente,
não vai a exame porque está muito atrasado.

No Ensino Secundário temos: na Escola
Industrial um no primeiro ano cujo exame dirá o
resultado; no Liceu um no primeiro ano, que já
passou para o segundo em virtude de ir ao Brasil
com o Pai Américo, e eu no segundo, cujo exame
dirá o resultado.

Deus queira que tudo corra bem. Além
destes rapazes, ainda cá temos mais quatro miudos
que ainda não vão à escola e três com a quarta
classe que trabalham no Comércio.

5 No dia nove do corrente, foi o nosso Sinca
com o Senhor Padre Manuel, o Senhor Pro-
fessor de Miranda e comigo assistir à partida
do Nosso Pai Américo.

Daqui até Lisboa ainda fomos alegres, mas
de Lisboa até aqui viemos tristes porque só daqui
a dois meses tornaremos a ver o pai de todos os
rapazes abandonados.

O cronista:

Carlos Inácio.

Lêde e propagai
“O GAIATO”

deixa filhos. O cronista do Lar do Gaiato de
Coimbra diz ter vindo mais triste de Lisboa, no
dia de embarque. A razão é esta de só daqui a
dois meses tornar a ver o Pai de todos os rapazes
abandonados. No segundo ano do curso secun-
dário, sabe-se alguém, encontrou-se e tem medo
de se perder. Este o sentir unânime de todos.
Como não doerá este espinho escondido de
Portugal não bastar a Portugal?

Felicíssima ideia a da ida ao Brasil. Mas que
o Brasil saiba compreender e compensar, já que
Portugal é vagaroso e surdo.

P.^e MANUEL.

! MIL CONTOS!

Não é o Brasil ainda. Aguardemos.

E' sim o contributo da cidade de Lisboa
para a sua Casa do Gaiato, no Tojal, desde o
início da fundação da mesma.

O ano findo tinha ficado em 620 contos; os
restantes 380 já vieram este ano.

Tínhamos feito um orçamento para os mil
e a nossa confiança na Providência, não ficará
desiludida.

Desafiando os tempos, os homens e o céu,
antes de largar para o Brasil, o nosso P.^e Amé-
rico lançou a primeira pedra para a primeira
casa da Aldeia dos Rapazes de Lisboa. Foi no
dia 7 de Junho de 1949.

Os jornais não anunciaram, nem as emis-
soras retransmitiram. No momento que a pedra
caía nos caboucos, três senhoras apareceram
casualmente. De nada sabiam. Vinham entregar
uma quantia para uma pedra e foi para a pri-
meira: 1.500 escudos.

Era a resposta do Alto e a certeza de que
a casa depressa chegará ao fim.



A pedra quedou nos fundamentos.
Os gaiatos olham para o azul, onde os
foguetes estoíram. P.^e Américo retira
para o Brasil. Estas Senhoras, repre-
sentam todos os benfeitores da Obra,
que, no momento preciso, aparecem a
saldar as despesas



A primeira pedra lançada pelos quatro
grandes, para a «Aldeia dos Rapazes
de Lisboa»

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

1 Foi um dia de manhã primavera, que o nosso Pai Américo tão querido e tão estimado não só por portugueses, mas também por estrangeiros, nos deixou para ir pregar o evangelho e ao mesmo tempo dizer o que é a Casa do Gaiato, ao Novo Mundo.

Retirou-se sem se despedir de ninguém, e por isso ficamos intimamente chocados, por aquela saída tão inesperada.

Temos rezado para que Deus lhe dê uma viagem sem perigos. Ele saiu há tão pouco tempo, mas nós estamos a desejar-lhe um feliz regresso, mas que venha com rios de dinheiro como ele dizia antes de partir num dos números do nosso jornal.

Ao embarcar falou na Emissora Nacional aos portugueses, e muitos o teriam ouvido mas nós não porque não temos rádio. Que todos os brasileiros o ouçam.

2 No sábado, dia onze, fomos à capital do Minho que como toda a gente sabe muito bem, é Braga. Sairam daqui se-

centa rapazes numa camionete, e como não havia lugar nela para mais rapazes, à última hora eu e sete dos que já ganham alugamos um táxi e também fomos à linda cidade participar na festa dos nossos irmãos.

A viagem ficou por duzentos e cinquenta escudos, mas se fossem quinhentos também os havíamos de dar. Chegamos a Braga tivemos licença de passear um pouco, e depois entramos para uma sala do cinema e deram-nos três sandes e um copo de vinho. Os que cantavam foram para o palco. Ao levantar o pano, um senhor Padre de Braga proferiu um discurso pedindo desculpa de não estar ali presente o Senhor Padre Américo, que Braga contava ouvir, pois ia a caminho do Brasil. O nosso programa começou com canções populares, e uma que era o «Vira do Minho» teve bis.

Logo a seguir foram as variedades. O Pombinha a cantar e a tocar castanhetas arrancou ao

público bracarense os mais calorosos aplausos. Outros também tiveram, mas o Pombinha de todos foi o que mais teve palmas. A seguir foi a surpresa da noite como diziam no microfone. Foram os Batatas a cantar a «Loja do Mestre André» e estes também foram muito aplaudidos.

Seguidamente alguns dos nossos rapazes foram dizer ao público da cidade de Braga, quais eram as suas obrigações, e de que terra eram. E tinha-se acabado o nosso programa.

Depois a F. N. A. T. daquela cidade, apresentou um pequeno programa com canções, e a sua orquestra.

Tudo acabou animadamente e o público ainda ficou com maior desejo de conhecer o Pai Américo.

Chegamos a Paço de Sousa, por volta das três horas e meia da noite. Quando de manhã acordamos já o sol ia muito alto. A viagem decorreu muito bem tanto para cá como para lá.

Graças ao Sejaquim, os nossos rapazes saíram-se maravilhosamente. Não me quero esquecer de dizer que estamos muito gratos às senhoras que organizaram a nossa festa, e trataram da nossa deslocação àquela cidade.

3 Ultimamente veio aqui visitar-nos uma Excursão de Paços de Gaiolo, e deixaram-nos cerejas e laranjas.

Eu estou aqui a dizer isto porque os Excursionistas quiseram que eu pusesse isto no jornal e eu aqui venho satisfazer a vontade dos presados e estimados visitantes. Temos no entanto a dizer, de que as cerejas e as laranjas eram muito boas. Nós também ainda temos laranjas nas nossas laranjeiras, o que prova que têm sido muito respeitadas, embora eu sei lá quantas vezes cobiçadas.

Muito obrigados, e venha mais.

O cronista:

Alfredo Soares Martins.

Notícias da Casa do por Gaiato de Lisboa João Pedro

Searas Andamos agora nas ceifas das nossas searas. As batatas deram pouco, porque o vento lhes queimou a rama, contudo ainda aproveitamos umas três toneladas. O milho também vai muito bonito. O nosso hortelão diz que havemos de ter este ano, se Deus quiser, uns 150 alqueires dele.

Foi uma alegria ao começarmos. Éramos uma data de rapazes com foices, e uns sete homens de fora. Ceifamos três carradas de feno e quatro de trigo e três ou quatro de cevada. O feno já está arrecadado e o trigo há-de ir para a eira do Senhor Dário Canas, lá para o meio deste mês, logo que se acabe o resto. Tudo isto é uma grande ajuda para alimentar os nossos rapazes.

Visitas Na véspera do dia da Ascensão vieram cá alguns alunos do Liceu Pedro Nunes visitar-nos. Traziam uma série de embrulhos, entre eles: roupas, calçado, frutas e doces. Almoçaram do que traziam e no fim de tudo isto, travamos um desafio. Tivemos de lutar muito porque eles eram maiores que nós. A primeira parte terminou com o resultado de 3-3 e a segunda com os gaiatos a vencer por 8-4.

Era bom que viessem mais estudantes para verem como são tratados e educados os gaiatos da rua.

Conferência Já arranjamos 50 subscritores que nos dão um total de cento e tal escudos mensais. Até aqui auxiliávamos os nossos pobres, só com a colecta que nós tirávamos do que ganhávamos, mas dava pouco, e por isso tratamos de arranjar subscritores. Também já acudimos a 7 pobres e nestes gastamos 70\$00 semanais.

Mais um dia de festa O pai Américo chegou hoje aqui ao Tojal. Vai para o Brasil com o Zé Eduardo. Que tenham boa viagem que é o que nós todos desejamos. Já lá vão quarenta e quatro anos depois que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. Ele vai descobri-lo outra vez. Ainda vai a tempo... assim ele lá chegue com saúde e o povo brasileiro esteja com muita generosidade, e boa vontade para o receber... E' com mil sacrifícios que ele vai fazer esta viagem tão longa, para nosso amparo e para outros que hão-de vir por estes anos adiante. Hoje foi dia de festa, içamos a bandeira Nacional e deitamos muitos foguetes. Aproveitamos a visita do pai Américo para lançarmos a primeira pedra do Casal Agrícola. Foi a sua última coisa ao despedir-se de nós. Agora mãos à obra, que é para quando ele cá chegar, de regresso, a encontre quase pronto!...

ATENÇÃO A BRAGA

Amigos apaixonados fizeram o convite, os jornais anunciaram, o recado passou de boca em boca, e, às vinte e duas menos cinco, do dia 11, lá estavam os artistas cá da *Aldeia*, no palco do grande Teatro Circo, gentilmente posto à disposição da «Casa do Gaiato».

A cidade apareceu em péso. Não podiam faltar o Senhor Doutor a *Maria de Braga* nem a *Senhora do mel*, nem o apóstolo da juventude, o P.^o Aloisio com uma dupla representação de alunos do Liceu a dizer, por palavras e obras o muito que querem às crianças abandonadas.

A F. N. A. T. quis colaborar com a sua tuna e vozes angélicas de crianças da cidade realçaram a beleza do espectáculo, dando-lhe variedade e interesse. Bem hajam! Todos trabalharam para que o Clero, a Nobreza e o Povo, pudessem vibrar a uníssono com a alma apostólica do P.^o Américo, personificada na Obra cujos frutos apareciam, pela primeira vez, perante os olhos da cidade.

A satisfação unânime revela-se na generosidade com que acudiu: 16 contos a passar.

A cidade santa esteve à altura.

Propositadamente perguntei pelas obras de assistência. Alegrei-me com a notícia de que são muitas e muito acarinhadas. Nem podia ser doutra maneira. A caridade é inseparável da fé. Braga, reza, acredita; logo—ama.

Trouxe, porém, uma mágua comigo.

Enquanto se faziam horas, dei uma volta pelas ruas, com o Fernando e o Licínio, que são os vendedores encartados da capital do Minho. Ao passarmos pela Sé, o Fernando aponta, triste, para um pequeno telheiro: «passei há dias por ali muito de noite e vi uma malta de crianças, dum e doutro sexo a dormir num monte; metia dó.

A mágua do Fernando é a minha.

E' sinal de que falta alguma coisa em Braga. Quem pregar o Evangelho na velha catedral, veja primeiro a autoridade com que faz; quem entra ali a rezar, não espere ser ouvido enquanto aquelas crianças não tiverem um travesseiro.

Poeira, a oração sagrada; poeira, a oração do povo...

Sei que Braga quer lá o P.^o Américo. «A' outra vez, se ele tivesse convite para vir aqui, e ao mesmo tempo para ir à América—primeiro Braga! Assim o disseram, o que prova a pena que tiveram da sua ausência e do muito que lhe querem.

Sei também que pretendem uma Casa do Gaiato. Muito bem. Melhor seria que não fosse necessária a presença ali da Obra da Rua. Sinal de que havia pão e agasalho para todos. Mas como infelizmente tal não acontece, aguarda-se que depois de Lisboa, Porto e Coimbra — Braga queira a seguir, o lugar que lhe compete.

NOTÍCIAS DA ÚLTIMA HORA

O paquete «Serpa Pinto» largou às horas. O Senhor Bernardino Correia, rei da Colonial, que momentos antes me quiz receber nos Seus escritórios, declarou que o Zé Eduardo também ia de graça.

Uma obra social, desde que seja humana e humanamente conduzida, tem todos os Homens por ela. Categorias, posições, credos, cores,—tudo e todos. E' o coração. E' o tesouro dos homens. Muitos deles só o descobrem, ao tomar conhecimento de obras assim.

No Cais, havia gente. Quem parte leva e deixa saudades. Já quasi a perder de vista e ainda os lenços se agitavam. Eu também tinha saudosos entre aquela multidão. Poucos, mas fixos. Com que sacrifício não teriam eles vindo até ali; alguns do Porto, outros de Coimbra. Com que sacrifício?! Só por um grande amor à Obra da Rua.

Também estavam os três padres da Rua,—os comilões! Sobretudo o P.^o Manuel e o P.^o Adriano. Eles são impetuosos, teem programas formidáveis; eu diria mesmo furiosos. E querem dinheiro para os realizar. O P.^o Luiz, por enquanto, ainda é manso. Mansinho. Nem admira; ele saiu das saias há poucos meses. Das saias do Seminário dos Olivais.

Pois lá estavam os três e dali seguiram a tomar posições: Luiz no Tojal, Manuel em Coimbra e Adriano no Porto.

Deus os ajude.

Já a bordo e longe de Lisboa, os telegramas ferviam. Mais amigos da Obra. Eu participei dessa amizade e senti, até, por uns momentos, a glória dos importantes, quando os creados de bordo vinham ter comigo: — mais um telegrama! E os outros mortais, à minha roda, sem nada! A senhora vaidade quiz entrar, sim; mas eu fechei-lhe a porta com duas voltas na fechadura e a tranca por cima!

Quanto a Zé Eduardo, que havia de escrever esta e outras crónicas, esse fez-me o rial favor de se estender numa cadeira, e aqui está ao pé de mim a gemer o mar! Datei esta no Funchal. Se o rapaz melhorar e vier a escrever, serei mais extenso na próxima.